



# Assembleia Geral Virtual

## 6ª feira, 27/8, 14h, via Zoom

### Pauta:

- Luta contra o retorno presencial
- Indicativo de Greve!

Após as portarias do reitor que estabeleceram o retorno presencial, iniciamos uma forte campanha de denúncia dessa medida. Realizamos nessa semana uma Plenária das 3 categorias da universidade: a maior dos últimos tempos, com mais de 500 pessoas! Em várias unidades as próprias direções não estão seguindo a portaria, tamanho o absurdo dessa medida. Portanto é momento de reforçarmos e redobramos nossa mobilização para barrarmos esse retorno arbitrário.

**Link para participação na Assembleia:** <https://us06web.zoom.us/j/82199020633>

**Em reunião do CO a reitoria recebe uma chuva de críticas pelo Retorno Presencial autoritário!**

Na última terça, dia 24, ocorreu reunião do Conselho Universitário. A princípio, conforme já denunciemos no último boletim, a questão do retorno não estava pautada. Em uma rápida articulação, conseguimos a assinatura de pelo menos 30 membros do conselho solicitando a inclusão na pauta sobre este tema. O reitor acatou o pedido parcialmente, não houve uma inclusão formal na ordem do dia, mas foi um ponto de discussão (sem possibilidade de apresentação de propostas ou votação). Como a pauta da reunião era enxuta, este tema dominou boa parte do tempo.

O reitor abriu a discussão com uma fala que em algum grau distorce os argumentos de

quem é contra o retorno neste momento. Disse que não podemos dar munição aos setores da sociedade que são contra as universidades, comentando que quando um diretor fala, por exemplo, que o ensino remoto vai muito bem, isso depõe contra a razão de ser da universidade. Em um sentido, podemos considerar essa fala do reitor como positiva, pois indica que a reitoria não tentará impor o ensino remoto ou híbrido depois da pandemia. Mas, obviamente essa questão levantada pelo reitor é uma distorção. As entidades e setores que se levantam contra o retorno presencial neste momento não o fazem sob a bandeira de defesa do ensino remoto ou híbrido. Ao contrário, somos os primeiros a defender a

importância de que as aulas sejam presenciais, que todos os estudantes possam usufruir de tudo que o ambiente universitário oferece. A questão é que não há condições para o retorno **AGORA**, em face da situação da pandemia.

Após essa abertura, o reitor passou a palavra para o Professor Rui Ferriani, diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e presidente da famigerada Comissão Assessora para o Retorno Seguro. A exposição do professor foi cheia de frases prontas, num discurso quase protocolar. Ainda assim, chamou atenção que ele próprio reconheceu que há uma série de questões que ainda necessitavam ser consideradas, citando temas como o de pais e mães com filhos pequenos sem atividades escolares, situações de marcação de ponto, o que fazer com casos suspeitos, entre outros, e que necessitavam de tempo para avaliar esses temas. Ora, se nem questões básicas estão respondidas, e precisarão de tempo, como estabelecem o retorno agora?

Após essas falas de abertura, foi aberta a palavra para os membros do conselho. E aí começou uma chuva de críticas. Especialmente os representantes estudantis de pós e da graduação, bem como a nossa representação de funcionários, levantamos uma série de questionamentos, tanto sobre a situação mais geral da pandemia, quanto da situação interna de falta de preparo para o retorno, quanto do método autoritário da reitoria. Todas as falas enfatizaram que a questão não era sobre querer ou não voltar presencialmente, já que a maioria de nós não vê a hora de poder retornar e retomar a rotina. A questão é retornar com segurança, quando a pandemia estiver controlada. Nesse sentido, as falas destacaram que a pandemia não acabou e que segue grave, bem como que o índice geral de vacinação ainda é baixo. Destacaram ainda que as portarias do reitor foram totalmente arbitrárias, sem nenhum diálogo com a comunidade e com as entidades representativas. **Como destacou um dos**

**representantes de funcionários em sua fala, exigimos a revogação das portarias e a abertura de um debate democrático com toda a comunidade sobre as condições para um retorno seguro, quando as condições epidemiológicas permitirem.**

Além dos representantes estudantis e de funcionários, chamou a atenção o volume de críticas também dos docentes, inclusive direções de unidade. As considerações mais contundentes foram da representação das Congregações da Psicologia e da FFLCH, que destacaram vários pontos importantes sobre a situação da pandemia e sobre os métodos autoritários da reitoria ao impor o retorno sem diálogo. Na sequência, vários diretores e diretoras apontaram problemas para cumprir de imediato as determinações do reitor, apontando uma série de questões locais, como reformas nos prédios, locais sem ventilação, bem como situações particulares de organização do trabalho. Boa parte das direções que se pronunciaram, questionaram a reitoria sobre a autonomia prometida aos dirigentes, questionando como seria o tratamento do ponto dos funcionários e se haveria a possibilidade de fazerem adequações locais quanto à manutenção do teletrabalho ou formas híbridas.

Apenas o próprio Professor Rui, como dirigente da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, e o Diretor da FEA de Ribeirão, André Lucirton, fizeram defesas enfáticas do retorno tal como estabelecido pela reitoria. O Professor André chegou a questionar a capacidade dos estudantes de sua faculdade de tomar decisões, informando que estes fizeram uma votação e se posicionaram contra o retorno, o que seria, segundo seu juízo, um erro. Um outro professor da Medicina de Ribeirão também defendeu o retorno, dizendo que faltavam informações aos que eram contrários. Curiosamente, passou 5 minutos e não citou nenhum estudo sequer que aponte que o retorno de atividades seja realmente seguro.

**Reitor sente o baque e garante autonomia das unidades, mas não garante debate democrático com a comunidade!**

Após tantas críticas, o reitor sentiu o baque. Aparentemente surpreso e tenso com as várias manifestações, o reitor enfatizou que a portaria já considerava a autonomia das unidades, e que esta autonomia estaria mantida e garantida, embora deu a entender

que isso iria até algum ponto que não ficou muito definido. De todo modo, diante das tentativas da tal comissão assessora de mandar um “cumpra-se” aos dirigentes, foi um recuo importante o reconhecimento de que as

direções poderão organizar as atividades de acordo com as especificidades locais.

No entanto, nós sabemos que isso não resolve nosso problema. Em algumas unidades podemos conseguir barrar o retorno indiscriminado, mas em outras a abertura de diálogo é baixa ou nula.

Sobre a necessidade de abertura de

diálogo democrático com as entidades de funcionários, docentes e estudantes, e com o conjunto da comunidade, o reitor simplesmente se calou e ignorou. Devemos seguir a luta e aproveitar as divisões que existem sobre o tema entre os dirigentes para garantir que o retorno geral somente se dará com a pandemia controlada.

## **Vergonha!**

### **Diretor da FOB e Superintendente do HRAC, Carlos Ferreira deixa escapar comentário autoritário e que pode ser considerado Racista**

Um dos momentos mais constrangedores da reunião do CO foi protagonizado pelo Professor Carlos Ferreira, que é diretor da FOB e Superintendente do HRAC. Após a fala de duas representantes estudantis, mulheres negras, que questionavam a reitoria sobre o retorno, o professor deixou escapar, com o microfone aberto por engano, o seguinte comentário: “Só por Deus! Não, a USP, olha, essa Pluralidade, tem hora que atrapalha, sinceramente”.

Ao questionar a pluralidade, ainda que possa ter se referido ao aspecto político ou de opiniões, revela, como mínimo, um caráter autoritário. Certamente o professor ficou contrariado com a avalanche de críticas que as determinações do reitor para o retorno presencial recebeu no Conselho. Afinal, este senhor, como diretor da Faculdade de Odontologia de Bauru, demonstrou ser mais “realista que o rei”, e a partir da brecha dada pela Portaria 7671 determinou o retorno de todos os funcionários da faculdade de dirige, mesmo os que tem apenas a primeira dose da vacina. Um verdadeiro escândalo!

Além do caráter autoritário da frase, o fato dela se dar justamente após as falas de duas estudantes negras, abre margem também para considerarmos que a pluralidade questionada não seria apenas de ideias, mas sim da própria composição social e racial da universidade (especialmente após a implementação das cotas). Logo, abre margem para considerarmos esse comentário também como uma expressão racista. Tanto que várias manifestações no chat da reunião destacam esse elemento, e uma outra representante estudantil da pós-

graduação fez uma contundente fala denunciando isso e defendendo a conquista das cotas e do aumento da pluralidade na USP.

Tão constrangedora como o comentário do professor, foi a tentativa do reitor de defendê-lo. Diante das críticas que denunciavam o comentário como racista, o reitor respondeu que o professor Carlos não poderia ser taxado dessa maneira, já que ele tem um casal de filhos negros que, de acordo com as palavras do reitor, ele “trata e cuida com muito carinho”. Ora, o típico argumento de que alguém não pode ser racista porque tem até amigos negros, ou casou com uma mulher negra, ou qualquer variação desse argumento totalmente equivocado.

O professor ainda tentou justificar, mas em sua resposta basicamente reafirmou o que havia dito, reforçando que se tratava de um desabafo e daí repetiu a frase, dizendo que a pluralidade atrapalhava que apenas uma decisão fosse tomada, ainda que tenha começado a justificativa dizendo que não era contra a pluralidade (?!).

A verdade é que a dificuldade em lidar com as diferenças e com a pluralidade não é uma exclusividade do professor Carlos, mas é, infelizmente, muito presente na própria composição dos colegiados da USP e na forma autoritária como atuamos sucessivos reitores e até mesmo alguns dirigentes. Não fosse um lapso de microfone aberto em uma reunião virtual, isso não se explicitaria, mas continuaria, como continua, dominando a forma de gerir essa universidade.

#### **REINTEGRAÇÃO DO BRANDÃO E RETIRADA DOS PROCESSOS!**

Sede Fernando Legaspe (Fernandão) Av. Prof. Almeida Prado, 1362, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo-SP, CEP:05508-070 - Tel: 3091 4380/4381 - 3814-5789- email: sintusp@sintusp.org.br – site: www.sintusp.org.br